



Trabalho 1486

ATIVACÃO DO SERVIÇO DE PREVENÇÃO DO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE EM UM MUNICÍPIO DO ESTADO DO CEARÁ

Monica Fernandes Magela¹, Altamira Mendonça Felix Gomes¹, Amanda Holanda Severo¹, Cristiane Coelho Timbó¹, Marinna Maria de Andrade Costa¹, Tábita Jucélia Viana Góes²

O colo do útero é revestido, de forma ordenada, por várias camadas de células epiteliais pavimentosas, que ao sofrerem transformações intra-epiteliais progressivas, podem evoluir para uma lesão cancerosa invasiva em um período de 10 a 20 anos. Na maioria dos casos, a evolução do Câncer do Colo do Útero (CCU) é lenta, passando por fases pré-clínicas detectáveis e curáveis ⁽¹⁾. O CCU é o terceiro tipo de câncer mais comum entre as mulheres, sendo responsável por 274 mil óbitos por ano, no mundo. No Brasil, o mesmo é o segundo mais incidente atingindo cerca de 15% da população feminina ⁽²⁾. Embora o exame citopatológico tenha sido introduzido no Brasil desde a década de 50, a doença ainda é problema de saúde pública. Estima-se que cerca de 40% das mulheres brasileiras nunca tenham sido submetidas a este exame ⁽¹⁾. As Unidades Básicas de Saúde (UBS) são o primeiro contato que as mulheres tem com a assistência a saúde da mulher, portanto faz-se necessário uma comunicação efetiva entre as partes. Segundo Guarisi *et al*, ⁽³⁾ os programas de rastreamento para realização da citopatologia devem ter uma alta efetividade e o menor custo possível para tentar incluir todas as mulheres. São muitos os obstáculos para o estabelecimento desses programas, incluindo custos, processos educativos e interesses políticos. O Ministério da Saúde (MS), através do Instituto Nacional de Câncer (INCA), lançou em março de 1996 o Programa Viva Mulher com objetivo diminuir a incidência e mortalidade por CCU, através da ampliação do acesso das mulheres a citopatologia, priorizando as de maior risco, e garantindo diagnóstico, tratamento e seguimento adequados. O trabalho tem por objetivo traçar o perfil das mulheres atendidas em um mutirão para prevenção do CCU que marcou a ativação desse serviço em uma UBS de um município do Ceará. Trata-se de trabalho descritivo com abordagem quantitativa realizado em uma UBS no Município de Itapipoca Ceará, através de um mutirão em que os agentes de saúde realizaram uma busca ativa na comunidade dando início ao serviço de prevenção do CCU. A unidade fora inaugurada em 21 de dezembro de 2012 e desde então este serviço não funcionava, por falta de insumos, diante da situação foram solicitados materiais de outras unidades do município e a partir de então se deu início aos atendimentos. No mutirão foram realizadas 18 consultas, precedida de palestra educativa abrangendo informações sobre a importância da realização do exame, como é realizado, auto cuidado com as mamas, uso de preservativos e retorno para avaliação dos achados laboratoriais, seguida de anamnese, exames das mamas e citopatológico. O estudo respeitou os aspectos éticos, sendo preservado o sigilo e anonimato dos integrantes, segundo a resolução 196/96. Destaca-se os seguintes achados: a média de idade das mulheres é 35,22 anos, sendo que 17 delas (94,44%) estão na faixa entre os 25 a 60 anos. O ministério da saúde preconiza que o exame citopatológico deve ser realizado em mulheres de 25 a 60 anos de idade (1). Quanto ao tipo de paciente duas (11,11%) realizavam o exame pela primeira vez. A periodicidade da realização do exame por elas ficou na faixa de 1 a 3 anos, apenas uma (5,55%) relatou fazer mais de 5 anos desde a última consulta. A recomendação é que o exame seja realizado uma vez por ano e, após dois exames anuais consecutivos negativos a cada três anos ⁽¹⁾. Quanto ao ciclo menstrual cinco mulheres (27,77%) relataram ter o ciclo irregular. As ginecopatias e outras doenças não ligadas à esfera

¹ Acadêmica de Enfermagem Universidade Federal do Ceará; ² Enfermeira Universidade Estadual Vale do Acaraú, Coordenadora Programa de Saúde da Família (PSF-Picos) Itapipoca-Ceará. monica-magela@hotmail.com



Trabalho 1486

genital podem determinar quadros de irregularidades menstruais ⁽⁴⁾. O início da vida sexual se deu em média aos 17 anos, sendo que o início precoce da vida sexual é um dos fatores de risco associados ao câncer do colo do útero ⁽¹⁾. Apenas três delas (16,66%) não tem filhos e nenhuma estava gestante. Somente uma mencionou já ter tido algum tipo de DST. Das mulheres do estudo seis delas (33,33%) fazem uso de contraceptivo hormonal oral e três (16,66%) optaram pela laqueadura tubária como forma de método contraceptivo. Em relação às queixas apresentadas por elas oito mulheres (44,44%) relataram presença de corrimento moderado, sete (38,88%) prurido e três (16,66%) dor pélvica, se assemelhando aos achados encontrados em estudo realizado por Zimmermann et al ⁽⁵⁾, onde grande parte dos motivos da procura por consulta ginecológica se deu por conta desses três fatores. Metade delas relatou ter algum caso de câncer na família, incluindo entre esses casos de câncer de mama e colo do útero em parentes de primeiro grau. Através dos dados acima pode-se concluir que as mulheres atendidas estavam realizando o exame segundo preconiza o Ministério da Saúde, porém parcela dessas mulheres não realizava anualmente o exame ginecológico devido a desativação do serviço na Unidade Básica de Saúde, sendo, portanto, a realização do mutirão fator de grande importância para a promoção da saúde da população atendida. As mulheres atendidas apresentam um perfil de risco para desenvolver câncer ou DST's, pois todas já haviam iniciado sua vida sexual, casos de câncer de mama ou colo do útero na família e muitas apresentavam queixas ginecológicas, isso destaca a importância da realização do exame de prevenção ginecológico anualmente e da presença desse serviço na UBS. Este estudo destaca a importância do profissional de enfermagem em realizar o exame de prevenção ginecológica, visto que este estará contribuindo para a detecção precoce do CCU e do câncer de mama das mulheres atendidas, reduzindo a morbimortalidade e contribuindo para a promoção da saúde.

DESCRITORES: Prevenção de Câncer de Colo Uterino, Acesso aos Serviços de Saúde e Enfermagem.

EIXO II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.

REFERENCIAS

1. Ministério da Saúde (BRASIL). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama/ Secretaria de Atenção à saúde, Departamento de atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. 58p.
2. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Programa Nacional de Controle do Câncer do Colo do Útero e Programa Nacional de Controle do Câncer de Mama (INCA, 2010), elaborado pela Divisão de Apoio à Rede de Atenção Oncológica em abril de 2011.
3. Guarisi R, Hardy E, Derchain SFM, Carvasan GAF, Borges JBR. Rastreamento, Diagnóstico e Tratamento das Lesões Precursoras e do Câncer Invasor de Colo Uterino no Município de Franco da Rocha, SP. Revista Brasileira de Cancerologia 2004; 50(1): 7-15.
4. Melo NR, Machado RB, Fernandes CE. Irregularidades menstruais – inter-relações com o psiquismo. Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo. 2006; 33(2): 55-9.
5. Zimmermann JB, Rezende DF, Nunes AA, Tourino AG, Almeida FC, Teixeira LMC, Moreira MCFA. Aspectos epidemiológicos e clínicos de pacientes ginecológicas atendidas na Faculdade de Medicina de Barbacena. Revista Médica de Minas Gerais. 2008; 18(3): 160-6.